

PENSAMENTO CRÍTICO EM CRIANÇAS: A INICIAÇÃO FILOSÓFICA NO ENSINO FUNDAMENTAL COMO MEIO.

Karen Franklin¹
Franciely Giachini Barbosa Menim²
Jerry Adriano Raimundo³
Paula Schuartz⁴

RESUMO

O trabalho apresenta discussões sobre a concepção de pensamento crítico em crianças como meio de desenvolver capacidades cognitivas e afetivas superiores. Aborda as experiências do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) como vetor para tal aporte. Discute similitudes de experiências da escola pública da cidade de Curitiba com outras experiências, as quais utilizam a metodologia da Filosofia com Crianças (FCC). A abordagem de pensamento crítico considerada na iniciação filosófica nesse estudo é a construção dos discursos das crianças, observando a vulnerabilidade e imprecisão, associadas à construção coletiva de conhecimento. O trabalho aborda as reflexões e experiências de Joana Rita Souza, como contribuição na elucidação do conceito de 'pensamento crítico' em crianças; as discussões de Matthew Lipman e Ann Margaret Sharp e a filosofia para crianças; por fim, as experiências do PIBID/UFPR desde 2022.

Palavras-chave: Iniciação filosófica; pensamento crítico; filosofia no fundamental; PIBID; docência.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta experiências que buscam desenvolver o pensamento crítico em crianças, por meio da iniciação filosófica no ensino fundamental, em escolas municipais da cidade de Curitiba/PR. O Programa PIBID - Capes é um vetor para o trabalho, pois alia a formação inicial com a formação continuada de professores. No entanto, em educação é preciso

¹ Professora titular da Universidade Federal do Paraná; Doutora em Filosofia pela PUCRS. Coordenadora de área do PIBID Interdisciplinar Filosofia e Pedagogia da UFPR. karenfranklin@ufpr.br

² Professora da Secretaria Municipal de Curitiba; Doutora em História pela UFPR. Supervisora do PIBID Interdisciplinar Filosofia e Pedagogia da UFPR. francielygiachini@gmail.com

³ Professor da Secretaria Municipal de Curitiba; Doutor em Educação pela UFPR. Supervisor do PIBID Interdisciplinar Filosofia e Pedagogia da UFPR. prof_jerry@hotmail.com

⁴ Professora da Secretaria Municipal de Curitiba; Especialista em Filosofia da Educação; Mestra em Filosofia pela UFPR. Supervisora do PIBID Interdisciplinar Filosofia e Pedagogia da UFPR. schuartz.paula@gmail.com





ter cuidado com a nomenclatura “crítico”, pois ela mesma apresenta uma série de interpretações que muitas vezes tornam seu uso sem limites. Devido a esta questão, busca-se delimitar o que é ‘pensamento crítico’ na iniciação filosófica no ensino fundamental. O viés interpretativo deve considerar que no processo de construção dos discursos de crianças, a vulnerabilidade e imprecisão estão associadas à colaboração e construção coletiva de conhecimento. Neste sentido, as reflexões permeadas pela experiência de Joana Rita Souza (2025) contribuem para o avanço da elucidação do conceito de ‘pensamento crítico’, no contexto da educação de crianças.

Baseadas na metodologia de FCC, de Matthew Lipman e Ann Margaret Sharp (1997), pensa-se no desenvolvimento de pensamento crítico como constitutivo do trabalho de discussão e investigação. É um processo de construção de pensamento e conhecimento, privilegiando a forma ética de estar no mundo, no qual o pensar, o falar e o agir apresentam coerência e comunicabilidade. O pensamento cuidadoso, permeado pelo uso da lógica, busca a precisão conceitual e desenvolve a capacidade de autoavaliação, que é fundamental para a ação, proporcionando aos participantes a compreensão das diferentes possibilidades do agir. A dimensão ética está associada à forma com que crianças organizam, desenvolvem e defendem suas posições intelectuais, que podem ser ilustradas pela teoria do desenvolvimento de capacidades de Martha Nussbaum (2014; 2015). Nesse sentido, desenvolver capacidades de autorreflexão, olhar situacional e empatia, através da iniciação filosófica, capacita os sujeitos para a convivência pacífica e formativa. Por fim, ilustramos a discussão com experiências vivenciadas em escolas municipais de Curitiba para a compreensão dos limites do pensamento crítico no âmbito do ensino fundamental.

A POTÊNCIA DO PERGUNTAR

A perspectiva pedagógica da educação aponta que é preciso desenvolver o hábito de perguntar ao mundo, pois filosofar não é natural ou imanente, é um processo de aprendizado. Um cânone sempre presente em nossas abordagens é o pensar, o falar e o agir. A partir dele podemos pensar no presente e comunicar para realizar no futuro.

Nesse sentido, desenvolver o pensamento filosófico, desde os anos iniciais do ensino fundamental, é decisivo para projetar um futuro realizável. Com quem podemos compartilhar





tais preocupações se não com aqueles que serão como nós no amanhã? Sim, as crianças. Elas estão interessadas no futuro e não apenas enquanto seres que pensam em seu próprio futuro, mas como responsáveis por tudo aquilo que lhes atravessa, a saber, sua existência, o meio ambiente, o mundo animal e vegetal que compartilham com outros humanos.

Sob o ponto de vista desses encadeamentos éticos e responsáveis pelo futuro, buscamos analisar como a filosofia com crianças e jovens pode contribuir para transformar nossas condutas atuais, viabilizando efetivamente nosso futuro. Logo, pretendemos discorrer sobre como estamos construindo uma circunstância favorável à inclusão da filosofia nos currículos escolares do ensino fundamental. A cadeia de pensamento pode ser compartilhada entre adultos e crianças. Por exemplo, se queremos água limpa em nossos rios, precisamos pensar nos rios como habitat de seres vivos e não córregos onde despejam os dejetos; se queremos respirar ar puro no futuro, precisamos arborizar nossas metrópoles, trocar nossas fontes de energia suja e otimizarmos o consumo em geral. Temos que dar valor ao ser e não ao ter, temos de enviar a mensagem de que pensar junto nos faz mais fortes, mais conscientes e mais críticos.

A escola é um local propício para articular o “pensar junto”, porque a sala de aula, segundo Raimundo (2023), promove o encontro de crianças e adultos, o que oportuniza uma relação dialógica na qual se valoriza a palavra dos alunos; isto é: a escola é o espaço onde a criança é escutada. Ser escutado não é uma virtude da nossa sociedade (mesmo entre adultos, quanto mais entre crianças). No entanto, esse é o cerne da aula filosófica: mobilizar temáticas com as quais todos possam raciocinar, criar proposições e lançá-las à turma, a fim de provocar um diálogo no qual é imprescindível que se escutem mutuamente.

A problematização de temáticas na aula de filosofia evoca o raciocínio, mas isso ocorre intersubjetivamente, pois o caráter dialógico da aula mobiliza os alunos em torno da temática, a fim de que pensem simultaneamente. Na ação de compartilhar seu pensamento, cada estudante amplia a discussão, e, assim, estabelece-se uma rede filosófica na qual pensam juntos.

Nesse sentido, busca-se que professores e estudantes sejam seres inquiridores, utilizando as perguntas como direcionadoras da investigação filosófica. Os questionamentos em busca de respostas fazem parte do fluxo da vida, tal como trabalhar e descansar ou correr e





parar. “A resposta a que uma criança chega pode não ser a correta, mas é uma solução, mesmo que temporária, do período de perplexidade que ela estava experimentando” (LIPMAN/SHARP/OSCANYAN, 1997, p. 136). A capacidade de perguntar sobre o mundo deve ser exercitada com as crianças, pois nesse processo experimentam o ouvir atento e os diferentes tipos de comunicação entre as pessoas, seja verbal ou não-verbal.

CONCEPÇÕES DO CONCEITO DE PENSAMENTO CRÍTICO

Nesse sentido, pensar junto compreende saber como o pensamento pode se apresentar nas diferentes dimensões, pois o que conseguimos com crianças de 7, 9 ou 12 anos? O quanto podemos afirmar que estão transformando sua opinião em pensamento crítico? O que é isso que falamos quando dizemos pensamento crítico?

Na obra "Como desenvolver o pensamento crítico das crianças", de Joana Rita Souza (2025), encontramos reflexões acerca do que é esse pensamento e de como é possível pensar a partir do ponto de vista das crianças como participantes de discussões que nos interessam, principalmente porque as interessam. Seu primeiro alerta é sobre a própria definição de crítico e que não podemos avançar certos limites para que em educação não se tenha a falsa percepção de que tudo é possível.

Souza (2025) apresenta diferentes perspectivas do que seja criticidade. Aborda a perspectiva de Tim Kenyon, que apresenta o pensamento crítico com altas doses de vulnerabilidade, onde é importante assumir que a colaboração, a criatividade e o retorno ao que consideramos conhecimento adquirido, pode ser um caminho inconveniente para a criticidade, porém deve-se enfrentar. Também indica as posições de Evelyn e Vitor Lima, que muitas são as considerações sobre o que é pensamento crítico, no entanto, o didatismo de Souza (2025), Lima (Pensando Bem: o Básico do pensamento crítico), revela uma formulação adequada para a avaliação dos processos filosóficos com crianças e jovens. Considerando o pensamento crítico como “a aplicação cuidadosa da razão para decidir em que acreditar e, portanto, como agir” (SOUZA, 2025, p. 41). Essa formulação está diretamente ligada à formação de professores para a iniciação filosófica, pois compreender como exercitar o pensar, o falar e o agir com coerência, leva professores e estudantes a uma conexão íntima com a ética e a criticidade. Estar consciente desse trinômio nas sessões de filosofia com





crianças é cuidar do pensamento de quem ainda está tateando na construção de sentido do mundo. Mas há outras contribuições importantes quanto ao pensamento crítico, sob o ponto de vista de Evelyn e Victor Lima, que são: “pensamento cuidadoso (sensatez); Uso da razão (lógica); julgamento sobre crenças (avaliação); aplicação a problemas reais (ação)” (SOUZA, 2025, p. 43). Essas acepções estão diretamente ligadas com a compreensão de Lipman e Sharp (1997).

Tais conexões são exercitadas no desenvolvimento do pensamento crítico em ambientes escolares, principalmente na escola de ensino fundamental, pois as sessões que levam em conta o cuidado com a cadeia de razões, experimentam o método filosófico em sua melhor realização, pois valoriza o pensamento, a fala e a escuta, os juízos e a ação. Buscar o pensamento crítico na escola é pavimentar a capacidade das crianças em pensar, falar e agir coerentemente.

O FILOSOFAR COMO CAPACITAÇÃO PARA O FUTURO

Importante contribuição para a discussão é a teoria do desenvolvimento de capacidades de Martha Nussbaum (2014), que indica que o julgamento das próprias crenças ou a capacidade de autoavaliar-se é fundamental e contribui para ações éticas comprometidas. Concordar com Joana Rita de Souza de que a definição de Evelyn e Vitor Lima é uma das mais apropriadas para se propor como caminho nos momentos filosóficos escolares é evidenciar o que se pode fazer nos ambientes escolares, fomentar a justificação do pensamento. Justificar o pensamento é um dos exercícios críticos mais poderosos para a objetividade da razão. Dar razões às crenças durante a conversação confere aos participantes uma capacidade de autoavaliação constante, pois se comunicada e construída com clareza, simplicidade, será compreensível a todos. Esses momentos não estão isentos de contra-argumentos, de contraditórios ou complementares, o que torna o pensamento mais vulnerável. A vulnerabilidade é um processo do pensar, pois regula, de certa maneira, as construções individuais e coletivas. Essa cadeia de ações, durante o processo de filosofar na escola, é um aprendizado complexo, que exige atenção e cuidado sobre a ordem na cadeia de razões. A avaliação constante dos passos entre o pensar, falar e agir são fundamentais para a coerência do que é discutido. Um pensamento crítico passa por esse processo e é vivo.





A atividade de filosofar com crianças implica a sua própria formação. A temporalidade aparece na educação como uma categoria própria, pois o ensino toma como pressuposto um nexo de saberes dos alunos, que se pretende atualizar na escola com vistas à formação pessoal para o futuro: o propósito da escola está voltado para o futuro. Isso implica a condição subjetiva da criança, porque é na ação que ela reflete e cria proposições para contribuir com a aula — a discussão filosófica. A cognição que a criança elabora é uma atividade subjetiva, mas que não está encerrada em si mesma, requer a intersubjetividade discursiva da aula

A vulnerabilidade está implicada no pensar junto. A observamos, com Raimundo (2023), quando o estudante se motiva com a temática e lança a sua própria proposição (suas ideias, sínteses e compreensões) para a turma, porque, junto à proposição, está toda a sua história, sua lógica, sua cultura: sua vida. Em outros termos, compreendemos que o aluno lança a sua subjetividade na intersubjetividade.

Nesse sentido filosofar não é um processo artificial; pelo contrário, é uma atividade profundamente pessoal e orgânica, por isso está inteiramente envolvida com a afetividade. Principalmente com crianças, a reflexão filosófica não é pura e nem fria; ao contrário, as temáticas evocam nos participantes seus sentimentos, lembranças e situações pessoais, os quais trazem conjugados os elementos cognitivos e afetivos.

Nesse sentido, a filosofia que objetiva o pensamento crítico encontra, em seu percurso, a vulnerabilidade daqueles que dão os primeiros passos no fazer filosófico. Isso exige cuidados tanto com a cognição (isto é, como os alunos estão elaborando seu conhecimento); quanto com a afetividade (como se sentem e como se relacionam durante a discussão). Tudo isso sob a prerrogativa de que essa experiência de aula atualiza o nexo de saberes dos alunos, a partir do qual constroem seu senso crítico (RAIMUNDO E HOLANDA, 2023).

EXPERIÊNCIAS NA ESCOLA PÚBLICA DE CURITIBA

Para circunscrever a experiência nas escolas municipais da cidade de Curitiba/PR, assinalamos que foi a partir do 2º semestre letivo de 2022, com a primeira versão do PIBID - Pedagogia da UFPR (2022/2024), que se desenvolveu a experimentação filosófica no ensino





fundamental. As escolas parceiras foram: a Escola Municipal Castro, com o 4º ano; a Escola Municipal - CEI Eva da Silva, com a oficina de práticas de movimento; e, a Escola Estadual Alfredo Parodi, com alunos do 9º ano. A parceria com as duas primeiras escolas segue até o momento, por meio do PIBID Interdisciplinar Filosofia e Pedagogia (2024/2026), iniciado no final do 2º semestre de 2024. Nessa versão foi incluída a Escola Municipal Maria Clara Brandão Tesserolli, com o 5º ano.

Em todas as escolas a metodologia utilizada para a iniciação filosófica gira em torno da leitura de novelas filosóficas e literatura. As obras centrais são: *‘Uma viagem pela filosofia - O Encontro’* (2024), *‘Uma viagem pela filosofia – Felicidade’* (2023) e *‘Uma viagem pela filosofia – Amizade’* (2024), de Karen Franklin. Outras obras literárias complementam as leituras e discussões temáticas.

Os estudantes do quinto ano da Escola Municipal Maria Clara Brandão Tesseroli demonstram elevada receptividade às aulas de filosofia. O trabalho pedagógico foi desenvolvido a partir da leitura do livro *O Encontro* (2024), cuja abordagem literária propiciou um envolvimento significativo por parte das crianças. Elas acolheram a narrativa com interesse e, progressivamente, passaram a refletir criticamente sobre os temas nela abordados.

A discussão filosófica na Escola Municipal Castro em 2025 tem sido desenvolvida na disciplina de ensino religioso, que justapõe as temáticas filosóficas com o currículo da disciplina. Essa abordagem faz com que todos os estudantes da escola tenham contato com a iniciação filosófica e se mobilizem para a conduta cuidadosa do pensamento e aquisição de linguagem.

No ano de 2025 a Escola Municipal CEI Eva da Silva, acolheu o projeto na oficina de língua portuguesa, proporcionando aos estudantes de tempo integral o contato sistemático com a iniciação filosófica e o desenvolvimento de capacidades discursivas verbais e de letramento. O engajamento dos estudantes nas atividades filosóficas repercute em outras habilidades cognitivas, principalmente aquelas relacionadas às capacidades de expressão, relacionamento e cuidado com o pensamento criterioso.





A constância das práticas filosóficas nas escolas nem sempre refletem um programa contínuo e estruturado, pois muitas vezes nas mudanças da distribuição disciplinar das professoras supervisoras, há rompimentos e interrupções das práticas aos estudantes. No entanto, a parceria em formar novos professores, hábeis em desenvolver as habilidades da iniciação filosófica no ensino fundamental, segue constante com a formação inicial dos licenciandos. Assim, o desenvolvimento das atividades foi evidenciado no pensar e no fazer filosófico das crianças por meio de uma tríade metodológica interdisciplinar: literatura, reflexão filosófica e atividades práticas. Para Michel Tozzi (2009), práticas devem apresentar o sentido do exercício habitual de uma atividade, que é contextualizado e que está sempre em situação. Em uma classe do ensino fundamental essa contextualização é frequente, pois crianças exigem um sentido ao aprendizado e se ele não ocorre, ficam desestimuladas e desinteressadas.

Além do engajamento com o texto, observou-se o interesse dos alunos em debater as questões suscitadas pela saga filosófica, demonstrando capacidade de aprofundamento reflexivo, bem como a introdução de novos elementos e perspectivas nas discussões. Destaca-se, ainda, a apropriação dos conceitos filosóficos estudados, que têm sido espontaneamente aplicados no contexto do cotidiano escolar. Durante as aulas, é frequente os estudantes utilizarem os conceitos para justificar seus pontos de vista, contextualizar situações e refletir sobre acontecimentos e conflitos do dia a dia na escola.

Esse processo evidencia um processo formativo pessoal, no qual os alunos não apenas instrumentalizam o conhecimento filosófico, mas o incorporam à sua vivência concreta. A prática filosófica tornou-se, para eles, uma atividade significativa e prazerosa, a ponto de demonstrarem desejo constante de aprofundar as discussões, muitas vezes ultrapassando os limites temporais previstos para as atividades.





A prática filosófica não pode ser uma ação pontual, mas sim uma prática no tempo, que pode se entranhar e amadurecer na experiência constante. A função da prática é a aprendizagem, que se desenvolve particularmente como uma habilidade, que Edgar Morin (2015) denomina como competência. Nesse sentido, é possível compreender que nunca é uma operação isolada, está acompanhada de circunstâncias que envolvem o uso de normas, regras e princípios que lhe dão coerência. O processo que envolve essa prática deve persistir no tempo para que os sujeitos possam compreender o próprio hábito do exercício da prática. É a partir desse sentido de prática reflexiva que a experiência filosófica com crianças da escola básica pode se tornar não apenas uma metodologia, mas acima de tudo um hábito. E nesse sentido, também o vislumbre de uma futura incorporação institucionalizada da disciplina de Filosofia no currículo escolar.

Como já apontado, o projeto se desenvolve baseado nos fundamentos da filosofia para/com crianças (FpC ou P4C) de Matthew Lipman e Ann Margaret Sharp (LELEUX, 2008), onde se compreende o filosofar como a ‘aprendizagem do bem pensar’ praticada por comunidades escolares que desenvolvem uma investigação conjunta. Essa concepção da prática filosófica com crianças não é comum nas escolas fundamentais da cidade de Curitiba e, por esse motivo, os procedimentos foram de preparação das crianças para uma aprendizagem motivadora e diferenciada nas escolas.

As experiências se iniciaram da mesma forma, com sedução a uma nova forma de aprender. Desde o início das atividades filosóficas a métrica das sessões filosóficas era permeada pela metodologia socrática. O perguntar, o discutir e o construir sentido juntos. Discutir conceitos foi o objetivo da iniciação filosófica, iniciada com o engajamento das crianças, nas regras iniciais sobre o modo como as atividades ocorrem. Em um primeiro momento, o grupo escolhe o nome de uma mascote que vai orientar os participantes a respeitar o poder de fala de quem está com a mascote, enquanto os demais, mantêm o poder da escuta.

Pode-se compreender que o método maiêutico, utilizado na iniciação filosófica, evidencia o interesse das crianças em aprender a operacionalizar seu próprio pensamento, de forma a conseguir expressar exatamente o que pensa, sente e deseja. Esse movimento de experimentação da liberdade de pensamento leva educadores a refletirem sobre os expedientes





escolares e sua própria formação para desenvolverem atividades escolares baseadas no método socrático. Nesse sentido, a iniciação filosófica com crianças (FCC) promove uma dupla formação, o mediador enquanto motivador do pensar justificado que pratica o hábito do cuidado com o pensamento em construção e as crianças que praticam e aprendem a formar juízos justificados. A cadeia de razões que se pode chegar em uma sessão filosófica com crianças as instrumentaliza para o pensamento crítico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do desenvolvimento de um projeto que fomenta a iniciação filosófica com crianças alcança e supera os objetivos de desenvolver as capacidades do pensamento crítico, nos termos aqui conceituados. Isso porque também suscita no desenvolvimento cognitivo dos estudantes certas habilidades e competências acadêmicas. As sessões propiciam a ampliação vocabular cotidiana, o maior acesso ao repertório literário destinado ao público infantojuvenil, o desenvolvimento de diálogos respeitosos, o acesso às questões éticas, estéticas, fenomenológicas, metafísicas e lógicas.

REFERÊNCIAS

- LIPMAN, Matthew. **A Filosofia na sala de aula**, São Paulo: Nova Alexandria, 1997.
- LIPMAN, Matthew. **Thinking in education**. 2a ed. Cambridge & New York: Cambridge University Press, 2003.
- LIMA, Evelyn/LIMA, Victor. E-book **Pensando bem: o básico do pensamento crítico**. disponível Web.
- FRANKLIN, Karen. **Filosofia no Ensino Fundamental**. 2ª ed. Curitiba: Intersaberes, 2023.
- FRANKLIN, Karen. **Uma viagem pela Filosofia – Encontro**. 2ª ed. Florianópolis: Nepios & Ephebos, 2024.
- FRANKLIN, Karen. **Uma viagem pela Filosofia – Felicidade**. Florianópolis: Nepios & Ephebos, 2023.
- FRANKLIN, Karen. **Uma viagem pela Filosofia – Amizade**. Florianópolis: Nepios & Ephebos, 2024.
- NUSSBAUM, Martha. **Educação e Justiça Global**. Trad. Graça Lami, revisão Luísa Matos, Portugal: Edições Pedagogo, 2014. [Coleção Contrapontos]





NUSSBAUM, Martha C. **Sem Fins Lucrativos. Porque a democracia precisa das humanidades.** Trad. Fernando Santos. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

LELEUX, Claudine (org). **Filosofia para Crianças – o modelo de Matthew Lipman em discussão.** Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SOUZA, Joana Rita. **Como desenvolver o pensamento crítico das crianças.** Lisboa: Manuscrito, 2025.

MORIN, Edgar. **Método 3- O conhecimento do conhecimento.** Tradução Juremir Machado da Silva. 5a edição. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RAIMUNDO, Jerry Adriano. **Os fenômenos cognitivos na didática dialógica** [tese]. Curitiba: Universidade Federal do Paraná; 2023.

RAIMUNDO, Jerry Adriano; HOLANDA, Adriano Furtado. Os conceitos fundamentais da educação: contribuições da fenomenologia. In: GUÉRIOS, Ettienne Cordeiro; VAGETTI, Gislaine Cristina; STOLTZ, Tania (Org.). **Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano.** Curitiba: Juruá, 2023.

TOZZI, Michel Michel. **Qu'est-ce qu'une pratique philosophique?**
<https://www.philotozzi.com/2009/07/qu%e2%80%99est-ce-qu%e2%80%99une-pratique-philosophique/>

